



UNICAMP

EVENTO: Ballet Stagium / Grupo Corpo

VEÍCULO: O ESTADO DE SÃO PAULO
DATA: 21 de janeiro de 1995

PÁGINA: 1ª

SEÇÃO: CADERNO 2



Stagium e Corpo unem o talento à coragem

Ao completar 25 e 20 anos, respectivamente, eles provam que a dança pode dar certo no Brasil

HELENA KATZ
Especial para o Estado

Um ano de respeito, este de 1995. Nele o Stagium e o Corpo comemoram aniversários muito importantes: o Stagium faz 25 e o Corpo, 20 anos. Duas companhias que provam que a dança, sim, pode dar certo no Brasil, apesar de todo o descaso do País com a sua educação, a sua cultura, a sua arte.

Não há receita pronta. A história de cada uma delas comunga num ponto básico: só a coragem e a perseverança criam bons ambientes para o talento se desenvolver.

Para atravessar com sucesso essas décadas de trabalho duro, o milagre veio da mesma fonte: dedicação total. Sem Décio Otero e Márika Gidali, não existiria Ballet Stagium. Sem Paulo Pederneiras e sua equipe, o Corpo não seria o que é. Mais que artistas, estes mágicos da dança garantem a dignidade dessa arte para as gerações que já estão ali, virando a esquina em nossa direção.

Questão ética — Pelo mundo, não são muitas. Por aqui, com estas características, é a primeira. Dia 23 de outubro, o Stagium realizará sua estréia mais importante: a do seu ano 25. Só o fato seco, de uma companhia particular de dança alcançar esta marca, num país onde política cultural parece roupa de festa (se usa de vez em quando e sem repetir), mereceria, no mínimo, reverência.

No caso do Stagium, o mérito se alarga. Na história da dança brasileira, o Stagium se singularizou por vários motivos, mas o principal, sem dúvida, foi o de perseguir o ajuste entre dança e história. Nasceu, em 1971, com o propósito de fazer da dança uma arte acessível para os brasileiros e jamais se afastou deste compromisso. Desbravou o país e fez da dança uma questão ética.

Foi a primeira a mapear o Brasil com dança, conquistando a mais vasta e híbrida platéia em peregrinações constantes por teatros, praças, quadras de esporte, favelas, clubes, fábricas, pátios de escolas. Da Avenida Paulista ao Parque Nacional do Xingu, de Serra Pelada ao carnaval das escolas de samba, o Rio São Francisco ou o Pantanal — todos são lugares que o dicionário Stagium traduz como oportunidade para a difusão da sua arte.

As bodas de prata vitoriosas têm autores: Décio Otero e Márika Gidali, o casal que se encontrou em Curitiba, em 1970, se apaixonou e mudou o cenário da dança brasileira com o fruto desse amor. Entre nós tornou-se um marco, dividindo a história em antes e depois do Stagium.

As comemorações se estenderão por um ano (outubro/95 a outubro/96) e incluem diversas atividades. No Teatro Municipal de São Paulo, duas obras novas de Décio Otero têm estréia prevista para o dia do parabéns, 23 de outubro. Uma delas, *Milagreiros*, se inspira no cordel nordestino e já está em fase de pesquisa. Ensaaios de intelectuais brasileiros sobre os temas mais relevantes da carreira da companhia estarão reunidos no livro *Stagium, 25 anos*. Também será lançado um vídeo, de Edgard Duprat, e realizada uma exposição de fotos, de Emídio Luisi.

Está prevista a produção de um



'Luminescência', com o Stagium: mágicos que garantem a dignidade da arte para as próximas gerações

espetáculo com coreógrafos latino-americanos (sintonia fina com o Mercosul) e outro com jovens coreógrafos que já foram bailarinos da companhia (como Luís Arrieta, Umberto da Silva e Suzana Yamachi, por exemplo).

Serão realizados um curso e um seminário, pelo Laboratório de Dança da PUC/SP, e um ciclo de remontagens, com as obras pontuais da trajetória da companhia, tais como: *Kuarup*, *Coisas do Brasil*, *Batucada*, *Pantanal*, *Quadrilha* e *Choros*. O Projeto Stagium será ampliado. Em 1994, mais de 5 mil estudantes assistiram aos espetáculos do Stagium; a cada noite, cerca de 150 ingressos eram reservados para o projeto, em cada uma das apresentações da companhia. No Ano 25, os estudantes passarão a receber também

uma apostila com informações didáticas sobre as obras encenadas.

Mecenato — A companhia tem 24 bailarinos no elenco. Cada um recebe R\$ 1.100,00 de salário e assistência médica-odontológica integral. Situação que muitos dos elencos anteriores considerariam invejável, e que também tem autoria. É graças ao mecenato de Vera Lafer que isso acontece.

Vera Lafer, que foi aluna de Maria Olenewa, Renée Gumiel, Ruth Rachou, Décio Otero e Liliana Benevento, é fada-madrinha para a dança brasileira. "Terminamos o ano de 1983 sem condição financeira de prosseguir, não tínhamos dinheiro para a nossa folha de pagamento; foi quando Vera Lafer passou a nos ajudar, garantindo a continuidade do Stagium", lembra Márika Gidali. Aos poucos, Vera foi ampliando essa colaboração, até transformá-la em mecenato mesmo. "Se existissem mais algumas Veras Lafer, a dança brasileira estaria numa situação bem diferente da de hoje", diz Márika.

Mas Vera Lafer não ajuda apenas ao Stagium, companhia da qual se tornou diretora no ano passado. "O que ela faz, se fica sabendo sempre pelos outros, seu coração tem o tamanho da dança brasileira", diz Peter Hayden, ex-bailarino, ex-professor, ex-sócio de Renée Gumiel numa das mais importantes escolas de dança que São Paulo já teve e atualmente no staff do Stagium.

Quarteto responsável pelo Corpo chegou ao sucesso fazendo um balé que fala português

Tinha tudo para acontecer numa moldura provinciana. Afinal, começou como uma aventura familiar em Belo Horizonte. Os irmãos Pederneiras se juntaram para formar uma companhia de dança e os pais cederam a casa para a empreitada. Era 1975 e o Grupo Corpo nascia no vento que soprava o sonho de uma dança que falasse português.

Desde o princípio, contudo, um sentido de profissionalismo dissolveu qualquer resquício de quintal que pudesse irromper. Quando o Corpo estreou sua primeira produção, *Maria, Maria*, vinha dizendo isso. A obra resultava de uma das mais importantes parcerias musicais da época (Milton Nascimento/Fernando Brandt) e de um dos mais expressivos coreógrafos, o argentino Oscar Araiz.

O sucesso foi tamanho, aqui e na Europa, que levou à repetição do trio Milton/Fernando/Oscar na nova produção, *O Último Trem*. Depois, Rodrigo Pederneiras rascunhou-se coreógrafo até que, em 1985, sur-

preendeu o País com *Prehídios*, o turning point do Grupo Corpo. Com a música de Chopin, começou uma nova escritura coreográfica. Aos poucos, foi dando contornos angulares à técnica clássica de balé, foi fragmentando estes ângulos e, por uma

O resultado atraiu platéias cada vez mais amplas. Habituada a uma média de 50 espetáculos anuais, a companhia dançou 65 vezes em 1994 (das quais 39 em palcos europeus). O quarteto responsável pela grife do Corpo, espécie de selo do

apuro visual das suas produções inclui, além do coreógrafo Rodrigo, o diretor Paulo Pederneiras (também iluminador do grupo), a arquiteta Freusa Zechmeister (a figurinista) e o artista plástico Fernando Velloso (o cenógrafo).

Para comemorar seus 20 anos, o Corpo já agendou cerca de 110 espe-



'Nazareth', com o Corpo: gravado em vídeo, a ser lançado em junho

táculos — sendo mais de 50 na Europa. Começa sua temporada/95 em Lisboa (26/2) e, depois, segue para a Espanha.

No Brasil, a estréia será em São Paulo (de 15 a 25 de junho). Em seguida, Porto Alegre (29/6 a 9/7), Curitiba (12 e 13/7), Salvador (22 e 23/7), Brasília (16 a 21/8), Belo Horizonte (23/8 a 3/9) e Rio de Janeiro (6 a 17/9). Para esta turnê, ensaia três programas diferentes, formando uma espécie de painel retrospectivo da sua trajetória. No final de setembro, vai para a Europa dançar por 45 dias na França, Itália e Espanha.

A companhia copavendo, em vídeo, *Nazareth* e *21*. Com direção do talentoso e premiadíssimo Eder Santos, que trabalha com o Corpo desde 1989, e realização da Emvídeo, as fitas serão lançadas em junho, na estréia da temporada brasileira.

As comemorações serão encerradas com o lançamento de um livro,

também patrocinado pela Shell, que renovou seu compromisso (atualmente firmado em US\$ 600 mil/anuais) com o Corpo até 1997. Com fotos de José Luís Pederneiras, programação gráfica de Guilherme e Lúcia, da Família Design, o livro será escrito por Helena Katz e lançado em novembro, pela Salamandra.

Balé novo, só em 1996. "Estamos tentando produzir com mais calma; abril e maio serão dedicados a um novo projeto, que estamos desenvolvendo com o músico Marco Antônio Guimarães", explica Paulo Pederneiras, diretor do Corpo. "Ainda não decidimos se faremos a obra que ele está compondo agora, a sua trilha que já está pronta ou uma das suítes para violoncelo de Bach, que ele está transformando numa peça para 14 violoncelos." Outra das idéias possíveis vem de uma sugestão de José Miguel Wisnik: Marco Antônio musicaria um conto de Guimarães Rosa.

O Grupo Corpo conta com 19 bailarinos, que ganham R\$ 900,00 de salário e recebem assistência médico-odontológica total. A única ausência a se lamentar, nas comemorações dos 20 anos, é a de Paula Bonome, uma das mais iluminadas bailarinas da companhia, que parou de dançar. (H.K.)

Dança contaminada de brasilidade

**AGENDA
DESTE ANO
TEM MAIS
DE 50
ESPETÁCULOS
MARCADOS
NA EUROPA**